



Eixo 1: Não deixar ninguém para trás

## Sobre a Relação entre Leitura e Liberdade: reflexões no contexto da mediação da leitura e da formação de leitores

*On the relationship between reading and freedom: reflections in the context of reading mediation and reader development*

**Joyce Kwiatkowski** – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) –  
joyudesc2022@gmail.com

**Wangy Radtke dos Santos** – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) –  
radtkewangy@gmail.com

**Daniella Camara Pizarro** – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) –  
daniella.pizarro@udesc.br

**Resumo:** Relação entre leitura, consciência crítica e liberdade, é analisada no entrelaçamento entre reflexão teórica e evidência empírica, articulando aportes conceituais e investigação bibliográfica na Ciência da Informação, dialogando com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Sob abordagem qualitativa e analítica, a leitura é tomada como prática mediada, implicada na constituição do sujeito e condicionada por estruturas de acesso. Revela-se a ausência de um eixo teórico contínuo e a fragilidade das mediações. Profissionais da informação e sistemas bibliotecários emergem como instâncias decisivas na formação da consciência crítica, marcada pela desigualdade nas práticas leitoras, das quais se desdobra gradualmente a liberdade.

**Palavras-chave:** Leitura. Liberdade. Consciência crítica. Cidadania. Bibliotecas.

**Abstract:** The relationship between reading, critical awareness, and freedom is analyzed through the intertwining of theoretical reflection and empirical evidence, articulating conceptual contributions and bibliographic research in Information Science, in dialogue with "Portraits of Reading in Brazil." Using a qualitative and analytical approach, reading is considered a mediated practice, implicated in the constitution of the subject and conditioned by access structures. The absence of a continuous theoretical axis and the fragility of mediations are revealed. Information professionals and library systems emerge as decisive instances in the formation of critical awareness, marked by inequality in reading practices, from which freedom unfolds.

**Keywords:** Reading. Freedom. Critical awareness. Citizenship. Libraries.



## 1 INTRODUÇÃO

Em um cenário marcado pela intensificação dos fluxos informacionais, pela fragmentação das leituras e pela crescente vulnerabilidade à desinformação, a articulação entre leitura, consciência crítica e liberdade configura-se antes como uma questão teórica, mas, sobretudo, como uma questão ética, cultural e política inerente à atuação do campo biblioteconômico.

A proposta aqui apresentada dialoga diretamente com o tema “As bibliotecas nos limiares do Antropoceno”, ao convocar a reflexão sobre a responsabilidade dessas instituições diante de transformações que afetam as formas de compreensão, discernimento e, fundamentalmente, a consciência de cidadania. Emerge desta tensão central, a problemática que orienta este trabalho: se a leitura é condição de possibilidade da consciência crítica e, se amplia os graus de liberdade, por que os sistemas responsáveis por sua mediação, entre eles, de modo privilegiado, o sistema biblioteconômico, têm se mostrado insuficientes na promoção efetiva dessas condições?

O objetivo perseguido aqui é analítico e se concentra na relação entre leitura, consciência crítica e liberdade, a partir do diálogo entre contribuições teóricas e dados empíricos, para afirmar o papel das bibliotecas e dos profissionais da informação como mediadores desse processo. Parte-se da hipótese de que a ampliação da liberdade, como efeito de práticas formativas, depende das condições concretas de acesso e mediação da leitura, o que implica reconhecer a responsabilidade ética, cultural e política desse campo institucional na formação de sujeitos críticos e autônomos. Este trabalho se justifica pela centralidade da leitura como prática formativa indispensável à constituição da consciência crítica e, conseqüentemente, ao exercício da liberdade no contexto contemporâneo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A leitura é frequentemente associada à ampliação do acesso à informação, à escolarização ou à circulação cultural, porém sua relação com a liberdade costuma permanecer pouco explicitada no plano conceitual. Em muitos discursos, a leitura é tratada como valor em si ou como instrumento funcional, sem que se problematizem os



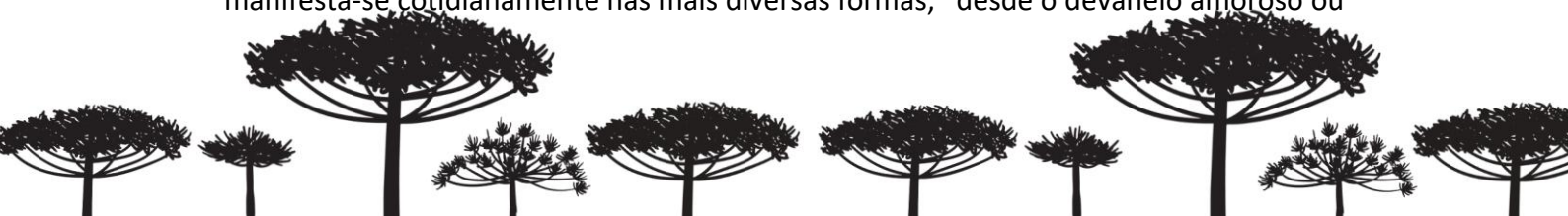
processos pelos quais ela incide sobre a formação da chamada ‘consciência crítica’, que atua diretamente sobre o poder de escolha e, portanto, sobre a liberdade.

Convém esclarecer que a noção de liberdade adotada neste estudo afasta-se de uma compreensão estritamente jurídica ou normativa. O conceito inscrito em tradições educacionais e filosóficas, especialmente no pragmatismo de John Dewey e em abordagens contemporâneas da formação e experiência (Matos, 2013; Correa e Matos, 2014), bem como em perspectivas literárias e antropológicas da leitura (Candido, 2011; Petit, 2009). Nessa visão, a liberdade não é uma condição dada, mas uma capacidade construída na experiência, ligada à orientação consciente da própria ação e ao desenvolvimento gradual de disposições reflexivas que ampliam as possibilidades reais de escolha.

A esse respeito, o núcleo argumentativo do capítulo de Matos (2026), reside na compreensão de que a liberdade vincula-se intrinsecamente à capacidade de escolha, a qual depende da qualidade da reflexão e do controle consciente da experiência: “Relaciono liberdade com poder de escolha. A escolha é tanto mais livre quanto melhor fundamentada em informações precisas, diversificadas e confiáveis” (Matos, 2026, p. 25). Para fundamentar essa perspectiva, Matos recorre diretamente a Dewey que afirma que a educação “é uma reconstrução ou reorganização da experiência, que esclarece e aumenta o sentido desta e também a nossa aptidão para dirigirmos o curso das experiências subsequentes” (Dewey, 1959, p. 83, *apud* Matos, 2013, p. 581).

Das considerações de Matos (2026) acerca da liberdade como condição formativa e gradual deriva a ênfase nos processos que ampliam a capacidade de orientar conscientemente a experiência. A leitura se apresenta, então, como elemento transversal, ao incidir diretamente sobre tais processos de formação. Para além da relevância da leitura como prática cultural, mas considerando sua fundamentalidade nos processos de formação da experiência, inscreve-se Antônio Candido, referência incontornável na teoria literária, cuja tese contribui decisivamente para esse eixo da discussão, ao situar a literatura como condição da própria experiência humana.

Candido sustenta essa compreensão ao afirmar que a literatura corresponde a uma necessidade universal e “está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito” (Candido, 2011, p. 174). A criação ficcional ou poética, que constitui a mola da literatura manifesta-se cotidianamente nas mais diversas formas, “desde o devaneio amoroso ou



econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance” (Candido, 2011, p. 175). As palavras e discursos no ensaio de Antônio Cândido elaboram um eixo ético decisivo cuja argumentação dialoga com a necessidade universal da leitura como elemento transversal dos processos formativos implicados na ampliação da liberdade.

A tese nuclear de Candido, o direito à literatura, não se sustenta como princípio abstrato ou prerrogativa formal. Seu alicerce é a capacidade da literatura de organizar os sentimentos, a percepção do mundo e os modos de elaboração do vivido, operando uma passagem do caos ao sentido. Ao favorecer formas de compreensão, interpretação e posicionamento diante da realidade, a literatura se apresenta como força de humanização, criando condições para que o sujeito atribua significado ao que vive, consciente do próprio poder de escolha.

Como afirma a antropóloga Petit: “Ler é também tornar-se autônomo: o livro é feito de signos, de linguagem, do registro simbólico [...]” (Petit, 2009, p. 34). O que está sendo proposto aqui é compreender a leitura como prática de deslocamento em relação às coordenadas correntes do mundo. A leitura poderia ser pensada como uma prática de expansão, na medida em que amplia horizontes por meio da imaginação narrativa e torna acessíveis modos de existir que não estavam previamente configurados.

Michèle Petit desenvolve a noção de leitura como deslocamento a partir do diálogo com diferentes autores, entre os quais Leslie Kaplan, que evoca o “salto” como um verdadeiro ato do pensamento. Ao incorporar essa reflexão, Petit enfatiza que o afastamento provocado pela leitura não se configura como evasão do mundo, mas como abertura de um espaço simbólico que permite ao sujeito reposicionar-se diante da realidade. Kaplan traduz esse gesto como a possibilidade de habitar o mundo no presente introduzindo um refúgio na realidade. Deste modo,

O que os leitores descrevem quando se referem a esse salto para fora de suas realidades cotidianas provocado por um texto não é tanto uma fuga, como é dito frequentemente, de maneira um pouco depreciativa (acreditando-se que seria mais honrável se dedicar totalmente à sua dor ou ao seu tédio), mas uma verdadeira abertura para um outro lugar, onde o devaneio, e, portanto, o pensamento, a lembrança, a imaginação de um futuro tornam-se possíveis (Petit, 2009, p. 40).

É nesse desdobramento da leitura como experiência ampliada e articulada à liberdade que se torna possível retomar a reflexão de Matos em outro plano. Sua



fundamentação inicial dá lugar ao aprofundamento de certas implicações. Este movimento adquire densidade ao configurar-se como um percurso contínuo, pelo qual a leitura, inicialmente “trata-se de um investimento na prática de uma atitude investigativa” (Matos, 2013, p. 588), instaurando a consciência crítica como efeito da atividade reflexiva. A leitura resultante, quando deixa de figurar como valor abstrato e, sob o signo da liberdade, passa a ser concebida como efeito do próprio exercício reflexivo, encontra seu desdobramento conceitual mais rigoroso na reflexão de (Correa; Matos, 2014), na qual a liberdade é reconduzida ao campo dos processos e não das essências.

Vê-se, pois, que o emprego do método genético na filosofia, ao empreender sua investigação acerca da liberdade, não perderá tempo procurando sua essência ou finalidade absoluta, mas perseguirá as condições físicas e sociais específicas que podem gerar a liberdade enquanto um fenômeno verificável. Encarada dessa maneira, a liberdade é percebida não como causa, mas como um efeito – um produto da evolução (Correa; Matos, 2014, p. 15-16).

É precisamente nesse ponto que a leitura deixa de ser apenas uma experiência individual e passa a inscrever-se em um campo mais amplo de mediações sociais, institucionais e culturais, das quais depende a própria possibilidade de formação de sujeitos críticos e autônomos. É possível compreender que a formação da consciência crítica não se realiza espontaneamente, mas depende de condições de acesso, de práticas mediadas e de ambientes simbólicos organizados. Como indicam os dados e reflexões reunidos na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil (2024)*, a leitura não ocorre de modo autônomo: ela exige mediação, formação e investimento contínuo para que se constitua como prática efetiva na vida social.

Nesse quadro, consolida-se uma compreensão transversal: a leitura não ocorre espontaneamente, a consciência crítica não emerge sem mediação. Os espaços simbólicos em que essas práticas se desenvolvem exigem organização intencional. Se a leitura constitui condição de possibilidade da consciência crítica, e esta amplia os graus de liberdade, então os dispositivos sociais que mediam o acesso à leitura participam diretamente desse processo. Tal perspectiva se explicita quando Pansa (2025), em seu capítulo no *Retratos da Leitura no Brasil 6*, afirma que apenas leitores capazes de aprofundar sua relação com o texto desenvolvem os recursos necessários para “filtrar informações, resistir a narrativas simplificadoras e tomar decisões informadas” (Pansa, 2025, p. 59), vinculando leitura e autonomia no plano da vida democrática. Em



convergência, Prado (2025) demonstra, em seu capítulo para a mesma obra, que as bibliotecas e seus profissionais não se limitam ao acesso ao acervo, mas desempenham função ativa na formação do leitor, ao promover práticas de mediação indispensáveis à constituição de sujeitos capazes de exercer uma leitura crítica do mundo. O bibliotecário, então, se configura como mediador cultural, e a biblioteca se estabelece como espaço ético e formativo, no qual se tornam concretas as condições de desenvolvimento da consciência crítica e, conseqüentemente, de ampliação da liberdade.

### **3 METODOLOGIA**

A pesquisa caracteriza-se como pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa e exploratória, com ênfase na análise conceitual e teórica das relações entre leitura e liberdade. Na tentativa de compreender como a comunidade de pesquisadores em Biblioteconomia e Ciência da Informação compreendem e discutem a leitura como prerrogativa da liberdade, realizou-se uma pesquisa bibliográfica utilizando a seguinte expressão de busca: “Leitura” AND “liberdade”. A busca foi realizada na Base Referencial de Artigos e Periódicos em Ciência da Informação - BRAPCI, obtendo 43 resultados.

Utilizou-se os seguintes critérios de seleção: leitura dos títulos e resumos, com base em critérios qualitativos, voltados à identificação de trabalhos que relacionam conceitualmente, leitura e liberdade. Excluíram-se estudos centrados em contextos de privação legal de liberdade, como o sistema prisional, como também aqueles que abordam a leitura em um contexto estritamente técnico e instrumental.

Longe de configurar um campo teórico coeso, o corpus analisado, na pesquisa bibliográfica, evidencia uma dispersão de abordagens que não chegam a sustentar, de forma contínua, a relação entre leitura, formação crítica e liberdade. Mesmo que um conjunto amplo de estudos aborde a leitura em diferentes contextos, parte significativa desses trabalhos foi excluída por não estabelecer relação consistente com a problemática central desta investigação.

Foram desconsiderados estudos de natureza histórica, por priorizarem a contextualização temporal do fenômeno; pesquisas voltadas à leitura acadêmica, por não contemplarem sua dimensão formativa em termos sociais mais amplos; trabalhos



situados em contextos específicos, como o período pandêmico, devido à sua limitação conjuntural; estudos sobre práticas de leitura vinculadas à cultura de massa, que não se articulam diretamente com a perspectiva crítica adotada.

A articulação do trabalho recorreu a ferramentas de inteligência artificial como apoio pontual à escrita, no refinamento da linguagem e na organização do texto, sem intervir na elaboração teórica, a análise dos dados ou a construção dos argumentos, que permanecem sob responsabilidade integral da autora. Em conformidade com as diretrizes institucionais de uso ético de inteligência artificial estabelecidas pela Universidade Estadual de Santa Catarina (SILVA; DORNELLES, 2025), acrescento à metodologia o uso da ferramenta Copilot (OpenAI, versão atual à época da redação, acessada em 2026) como apoio pontual à escrita, especialmente no refinamento da linguagem e na organização do texto, sem intervir na elaboração teórica, na análise dos dados e na construção dos argumentos apresentados. O conteúdo resultante foi integralmente revisado, editado e apropriado pelos autores, que assumem plena responsabilidade autoral.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A delimitação permitiu constituir um *corpus* orientado à análise da leitura como prática de formação do sujeito, atravessada por mediações desiguais e implicada na construção de graus de liberdade. A amostra de artigos recuperados é representada no Quadro 1:

Quadro 1 – Bibliografias selecionadas

Referências
CALDIN, C. F. A leitura segundo sartre. <b>DataGramZero</b> , v. 11, n. 2, 2010.
ALMEIDA, L. P. Hipertexto, para uma análise política da tensão entre leitor e autor no ciberespaço. <b>Informação &amp; Sociedade: Estudos</b> , v. 17, n. 2, 2007.
NASCIMENTO, M. L. G.; CAVALCANTE, L. E. Bibliotecas comunitárias, mediação cultural e literária. <b>Informação &amp; Informação</b> , v. 29, n. 2, 2024.
NEITZEL, A. A.; et al.. Bebetecas: espaço de leitura habitável e de educação estética. <b>Bibliotecas. Anales de Investigación (Cuba)</b> , v. 20, n., 2024.
SANTOS, R. C.; BRANDAO, G. S.; GUTERRES, J. O. S. Promovendo a competência em informação com os jovens: ações de incentivo à leitura. <b>Múltiplos Olhares em Ciência da Informação</b> , v. 15, n., 2025
SANTOS, R. R.; RODRIGUES, K. O. Vivências de estudantes quilombolas dos cursos de biblioteconomia: a análise das atividades mediadoras da informação e da leitura. <b>Liinc em revista</b> , v. 19, n. 2, 2023.
SEQUEIROS, P. Hora do conto drag e guerras culturais. <b>Liinc em revista</b> , v. 19, n. 2, 2023.
TSUPAL, R. Leitura e atividades culturais na biblioteca pública: aspectos teóricos. <b>Revista de Biblioteconomia de Brasília</b> , v. 15, n. 2, 1987.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2026.



O que se encontra é uma multiplicidade de abordagens que tangenciam o problema, sem nele se deter, permanecendo dispersas em direções que não convergem nem se acumulam. Rodolfo Tsupal, escreve a partir do interior da própria instituição Biblioteca Pública e marca um ponto de inflexão relevante, ao articular leitura, valor formativo e liberdade a partir de uma perspectiva institucional e social. O autor conclui que “importa recuperar o sentido de ler e o valor intrínseco da leitura, na nossa cultura; sem isto, programas de ação implantados nas Bibliotecas Públicas permaneceriam inócuos” (Tsupal, 1987, p. 163). Ao mesmo tempo, evidencia que esse valor, embora reconhecido, não se realiza plenamente, uma vez que a própria mentalidade social e institucional atua como obstáculo à efetivação dos objetivos da biblioteca pública, revelando a distância entre o projeto formativo da leitura e suas condições concretas de realização.

Em outra direção, mas aprofundando esse mesmo núcleo, a leitura pode ser compreendida como exercício de liberdade em si. A partir da leitura de Sartre, Caldin (2010) a concebe como um pacto de generosidade e engajamento, no qual o texto só se efetiva na consciência do leitor, que lhe confere sentido e projeta possibilidades. Nesse quadro, a leitura não apenas se associa à liberdade, mas a constitui como experiência formativa, ao mobilizar a imaginação, a reflexão e a capacidade de escolha.

A ausência de desdobramentos dessa relação manifesta-se na dispersão do tema da leitura e da liberdade em três direções principais. A primeira diz respeito às desigualdades de acesso às práticas leitoras, evidenciadas por Santos e Rodrigues (2023), que demonstram como a ausência de acesso compromete participação cultural e autonomia dos sujeitos.

A segunda refere-se às práticas de mediação, analisadas por Nascimento e Cavalcante (2024) no contexto das bibliotecas comunitárias, onde a leitura aparece como resultado de ações intencionais e localizadas, dependentes da atuação de mediadores e não como prática social estruturada.

A terceira reporta-se à emergência de conflitos em torno da leitura pública, analisados por Sequeiros, que discorre sobre como “ataques a bibliotecas, escolas e livros têm sido sinalizados noutros países, ameaçando direitos e agravando desigualdades sociais” (Sequeiros, 2023, p. 1). Nesse caso, a leitura não aparece como



fundamento da liberdade, mas como seu objeto de disputa, atravessada por processos de censura, controle simbólico e exclusão.

A interpretação dos resultados desloca-se para a crítica contemporânea de Byung-Chul Han (2022), que evidencia um comprometimento das condições de possibilidade da leitura enquanto prática formativa. Em um regime informacional marcado pela aceleração, “não é possível demorar em informações” (Han, 2022, p. 22), o que dissolve a continuidade narrativa e a coerência discursiva. A leitura persiste, mas fragmentada, sem duração e sem aprofundamento.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o recorte analisado, os trabalhos examinados na pesquisa não configuram a continuidade de uma tradição teórica, mas antes a decomposição de um problema original que não chegou a se desenvolver. A biblioteca, longe de operar plenamente como agente de formação crítica e ampliação da liberdade, situa-se no interior de uma crise mais ampla, atravessada por limites institucionais, sociais e políticos que restringem a efetividade de sua atuação.

No entanto, os resultados permitem entrever um problema mais profundo, que não se limita às falhas dos sistemas de mediação, mas às condições que sustentam a própria constituição da leitura no campo, marcadas pela negação ou pela não afirmação de seu caráter formativo e de sua dimensão como direito sócio-cultural. Esse deslocamento impõe a necessidade de reorientar as práticas de mediação, sob pena de esvaziar o espaço que sustenta a formação pela leitura: ela persiste, mas esvaziada de seu caráter formativo e, gradualmente, a liberdade se desfaz.

## REFERÊNCIAS

- CALDIN, C. F. A leitura segundo sartre. **DataGramZero**, v. 11, n. 2, 2010.
- CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011, p. 171-193.
- CORREA, Romulo F; MATOS, José C. O crescimento da liberdade como fim educacional: a relação entre o pensamento reflexivo e a liberdade na obra de John Dewey. **Rev. bras. Estud. pedagog.** (online), Brasília, v. 95, n. 239, p. 11-30, jan./abr. 2014.



HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Tradução de Gabriel S. Philipson: Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

MATOS, José Claudio. A Interpretação de Textos e a Formação da Pessoa Reflexiva: sobre a concepção deweyana da leitura. **Educação e Filosofia** (UFU. Impresso), v. 27, p. 579-596, 2013.

MATOS, José Claudio. Da ética do acesso aberto ao combate à desinformação. In: SILVEIRA, Luhilda Ribeiro; MENDES, Suênia Oliveira; PECEGUEIRO, Cláudia. **Convergências para o acesso aberto**: políticas, tecnologias e práticas em transformação. São Luís: EDUFMA, 2026, p. 17-33.

NASCIMENTO, M. L. G.; CAVALCANTE, L. E. Bibliotecas comunitárias, mediação cultural e literária. **Informação & Informação**, v. 29, n. 2, 2024.

PANSA, Karine. O não leitor: seu crescimento ameaça o desenvolvimento social, humano e a democracia?. In: FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil 6**. São Paulo: Instituto Pró Livro, 2025, p. 58-63.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Trad. Arthur Bueno e Camila, 2009.

PRADO, Jorge Moisés Kroll. Bibliotecas além dos estereótipos: lugares de leitura, cultura e transformação social. In: FAILLA, Zoara. **Retratos da leitura no Brasil 6**. São Paulo: Instituto Pró Livro, 2025, p. 136-141.

SANTOS, R. R.; RODRIGUES, K. O. Vivências de estudantes quilombolas dos cursos de biblioteconomia: a análise das atividades mediadoras da informação e da leitura. **Liinc em revista**, v. 19, n. 2, 2023.

SEQUEIROS, P. Hora do conto drag e guerras culturais. **Liinc em revista**, v. 19, n. 2, 2023.

SILVA, Luciana Mara; DORNELLES, Dayane. **Guia para uso ético da inteligência artificial generativa**. Florianópolis: Udesc, 2025. 30 p.

TSUPAL, R. Leitura e atividades culturais na biblioteca pública: aspectos teóricos. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 15, n. 2, 1987.

